

## A propósito de pós-graduação

Mario B. Aragão\*

Não é raro o aparecimento, em revistas científicas ou de divulgação, de artigos criticando o atual sistema de pós-graduação do Brasil. Dois textos publicados nos últimos meses, Ávila Pires, 1988 e Ivanissevich et al., 1988, nos animaram a entrar no assunto, uma vez que os autores conhecem esses cursos na qualidade de professores. O nosso caso é diferente, uma vez que fomos alunos de um curso considerado de excelência.

Em 1971, por ordem do Ministro Rocha Lagôa, fomos transferidos para o Distrito de Paranaguá da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM), onde permanecemos cerca de três anos. Nos primeiros tempos o trabalho foi muito interessante, pois, não conhecíamos, por dentro, os serviços da Campanha de Erradicação da Malária. Com o tempo, entretanto, começamos a sentir falta de uma convivência de nível intelectual mais elevado e a solução encontrada foi entrar no curso de pós-graduação em entomologia da Universidade Federal do Paraná, brilhantemente coordenado pelo Padre Jesus Moure.

Qual a clientela desse curso? No primeiro ano matricularam-se os auxiliares de ensino e alguns assistentes do Departamento de Zoologia, que patrocinava o curso. Foi a turma que apresentou as melhores teses, porque já vinham trabalhando nos respectivos assuntos. Esgotado esse grupo, vieram os graduados, ainda sem emprego, que procuravam sobreviver com as bolsas fornecidas pela CAPES e pelo CNPq. O resultado é que, após três anos de ingressarem no curso, nenhum deles tinha apresentado tese. A partir de 1973, quando estava prestes a terminar o prazo, dado pelo governo, para os professores universitários se pós-graduarem, vieram auxiliares de ensino de outros departamentos, como os de agronomia, morfologia e bioquímica.

Isso concorda, plenamente, com o que diz Ávila Pires quando lembra que: "A institucionalização da pós-graduação formal, no sentido estrito, deixou de aproveitar o que havia de bom no antigo regime, corrigindo suas falhas e deficiências."

Antes o futuro pesquisador se aproximava de um pesquisador de bom nível e procurava ir aprendendo o metier, enquanto o auxiliava nos seus trabalhos. Se fosse bom, e a instituição tivesse interesse em melhorar os seus quadros, era mandado estagiar ou se pós-graduar, geralmente, no estrangeiro. É o caso

\* Pesquisador Titular da Escola Nacional de Saúde Pública, Dept. Ciências Biológicas.

da primeira turma, acima citada, para os quais a pós-graduação contribuiu, principalmente, para alargar o seu campo de conhecimento, permitindo assim vãos mais audaciosos.

Numa certa época um sistema semelhante funcionou com ótimos resultados na saúde pública. Foi quando os serviços de combate às endemias rurais se ampliaram, rapidamente, no início da era do DDT. Os médicos ingressavam diretamente no serviço de campo e, depois de uns poucos anos, quando já sabiam trabalhar, eram mandados para os cursos de aperfeiçoamento ou para o próprio curso de saúde pública, onde alargavam a sua visão dos problemas sanitários. Antes já havia funcionado um sistema semelhante ao atual. Os médicos que não conseguiam emprego ingressavam no curso de saúde pública e, depois de dois anos de aulas, se não conseguissem coisa melhor, ingressavam no Departamento Nacional de Saúde. Não é difícil entender que isso provocava seleção negativa. Tivemos oportunidade de conviver com ambos os tipos de profissionais, no Departamento Nacional de Endemias Rurais (DNERu), e notar a diferença. Com uma agravante: os que tinham o título oficial de sanitarista não se conformavam em ficar subordinados aos que não tinham a mesma graduação.

No documento já citado de Ivanissevich et al., há uma frase do Prof. Darci Fontoura de Almeida que se casa muito bem com a atual pós-graduação: "Na atividade científica é possível ditar a moda ou seguir a moda". No caso em foco, o que se procurou fazer foi "seguir a moda", copiando o modelo americano e, como de costume, com algumas "arrumações". Aqui é bom lembrar que a famosa frase do Chanceler Juracy Magalhães de que "o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil", não tem muito a ver com a realidade.

Outro aspecto que assusta no atual programa de pós-graduação é o montante de recursos nele envolvidos. Segundo o Prof. Eduardo Krieger, citado por Ivanissevich et al., o plano da CAPES de 1985 menciona 20.000 professores engajados nos 787 programas de mestrado e 325 de doutorado. Com tanto professor, cabe uma pergunta: qual será a sua qualidade? No curso que fiz, de uma maneira geral eram bons e alguns ótimos. Tivemos até professores estrangeiros, pois, na época, havia recursos para isso, o que não há mais.

Sobre a qualidade dos cursos atuais, tivemos dois exemplos na FIOCRUZ. Um, foi a reclamação publicada nos jornais de que o nível de um curso era baixo e outro, um documento elaborado pelos alunos solicitando à diretoria da Unidade que melhorasse o professorado. É bom lembrar que o título de professor de pós-graduação dá status e, portanto, é disputado, principalmente por quem não está muito qualificado.

## ANÁLISE

É bom, portanto, parar para pensar e procurar um melhor destino, não só para os recursos que estão sendo gastos como, principalmente, para os jovens talentosos que estão sendo desperdiçados num sistema pouco adequado à nossa realidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ÁVILA PIRES, F. D. *Do quadro negro à revolução branca*. Rio de Janeiro, PEC/ENSP, 1988.
2. IVANISSEVICH, A. et al. A universidade em busca de si mesma. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, 8: 58-67, 1988.